

PLURAL

As EP's e a crise — Torres Campos, Beja Santos ■ **Armar ou desarmar?** — F. Pulido Valente, A. Branquinho Pequeno, M. A. Ferreira da Fonseca, V. Katine, D. L. Traub ■ Eco-política — Armando Trigo de Abreu ■ Constitucionalite... — F. Salgado Zenha ■ Carnaval e Quaresma — Almerinda Teixeira ■ Presidenciais — José

Carlos Vasconcelos ■ Orientação profissional — G. Belo Marques ■ Ciência — J. Dias de Deus ■ Painéis de S. Vicente — A. Marques de Carvalho ■ Inédito — Pedro Tamen ■ Livros — Sousa Gomes, M.ª F. Molder ■ Resposta a J. M. Pereira — Eduardo Prado Coelho ■

6

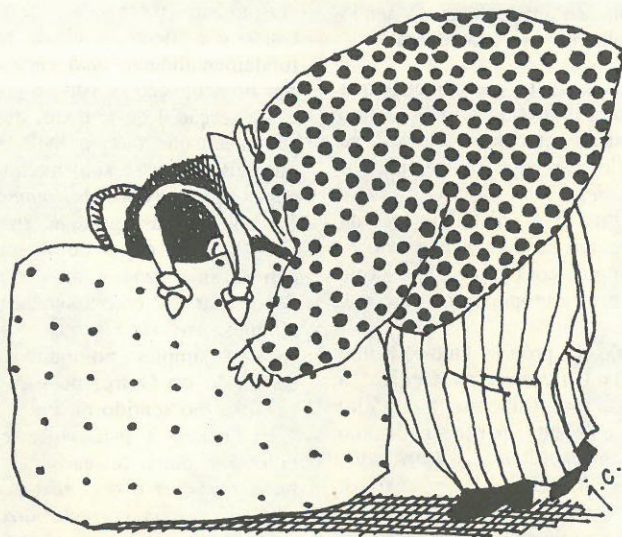
Aristides Pereira e Gaspar da Silva em diálogo cruzado

Portugal - África **DOBRAR** **O CABO DAS TORMENTAS**



Jogos d'armas: desarmar é possível?

Em Busca da Esquerda



Breve resposta a João Martins Pereira

Eduardo Prado Coelho

No texto «Retorno aos falsos avestruzes», João Martins Pereira consagra-me, em termos de confronto polémico, a secção intitulada «Os intelectuais e a política».

1. A tese de JMP é bastante simples, e poderei resumi-la deste modo:

a) segundo JMP, para EPC, há que separar claramente o político e o cultural;

b) segundo JMP, feita esta separação, EPC é culturalmente utópico e subversivo e politicamente realista e moderado;

c) segundo JMP, é uma tese de EPC a ideia de que os intelectuais são em geral perigosos para a democracia, sempre que as suas ideias saltam de «impalpáveis áreas» para terrenos da prática política.

2. No livro *A letra litoral*, publiquei um texto escrito alguns tempos antes para a revista «Colóquio-Letras», onde tentei articular a ideia de uma *estratégia de dupla inscrição* (claramente inspirada em Freud: tudo se inscreve duas vezes, uma do lado consciente, outra do lado inconsciente...) com o exercício da *escrita literária*. A noção de dupla inscrição bifurca-se em duas categorias: a do Outro e a do Mesmo. A estratégia distribui-se por várias teses que parcialmente evoco:

— que o Outro não é exterior ao Mesmo, mas emerge no interior do Mesmo (isto é, não o destrói, mas *desconstrói*);

— que tentar saltar a pés juntos para o lado do Outro é *repetir o Mesmo*;

— que o Outro não existe *em si mesmo*, mas se define pela heterogeneidade e pela alteridade ilimitadas; etc.

Nesse mesmo texto se diz que «a revolução representa o Outro da dialética histórica».

3. Destes elementos é fácil depreender que a estratégia da dupla inscrição é simultaneamente *psicanalítica, estética e política* (atravessa estes domínios e levando-os para o outro de si mesmos).

4. E chegamos assim ao ponto em que se torna possível responder a Martins Pereira.

Vejam os:

a) Não faço qualquer separação entre o político e o cultural: tanto num domínio como noutro, penso que existe uma dimensão do Mesmo e uma dimensão do Outro *articuladas segundo uma estratégia de dupla inscrição*.

b) Por conseguinte, nada tenho contra o espírito utópico. Pelo contrário, o espírito utópico é garante da instância do Outro. Mas penso que existe também *uma dupla inscrição da utopia*: a utopia como Outro lança-nos sempre no sentido de *outra coisa* (para utilizar o belo título de Miguel Serras Pereira), isto é, na linha da heterogeneidade e da alteridade; mas a utopia como Mesmo tende a figurar essa realidade outra como a *coisa mesma a realizar*. Quando Bronislaw Baczko, no seu livro *Lumières de l'utopie*, faz a distinção entre a *utopia como desejo* e a *utopia como figuração ou narração*, observa que na

utopia narrativa existe sempre um *efeito de totalidade* (não há utopia sem uma representação *totalizante* da alteridade social), um *efeito de transparência* (não há utopia que não revele a sociedade inteiramente a si mesma), um *efeito de minúcia* (todas as actividades tendem a ser regulamentadas) e um *efeito de racionalidade* (a sociedade proposta é apresentada como conforme à razão). Estamos aqui no domínio em que o desejo de utopia *pode* desembocar na determinação totalitária da sociedade. Daí o sentido da estratégia da dupla inscrição: nem recusa da utopia, nem aceitação da utopia como um *em si mesmo* (o que, nos **Universos da Crítica**, surge como recusa do texto como *figura do enimesmamento*).

c) O mesmo se passa em relação aos intelectuais — tendo em conta que neles certos balanceamentos se exacerbam.

Assim penso que o intelectual e o artista são aqueles que melhor asseguram a obstinação do *desejo do Outro* (até porque, na medida em que a prática estética os coloca na situação de *sujeitos em processo*, eles são aqueles que melhor conhecem a *experiência da alteridade*).

Mas penso também que o intelectual e o artista, na medida em que sentem que trabalham *no campo do fingimento*, isto é, na quimera e na ficção, tendem a impor, com a própria energia que vem da energia do desejo do Outro, a utopia como algo que deve existir *em si mesmo*.

Esta ambiguidade é a ambiguidade do próprio Outro. Como procurei definir num capítulo de **Os Universos da Crítica**, a questão formula-se nestes termos: $1+1=1$ (hipótese totalitária) ou $1+1=3$ (hipótese utópica)? Pessoalmente, penso que, como diz Joseph Albers, se «*em ciência, um mais um é sempre dois, em arte, um mais um é sempre três, ou mais*». Mas há o risco, ao esteticizar a acção política, de converter este *três ou mais* em *Um* (maiúsculo, totalitário). Foi esse risco que julguei entrever nos textos *políticos e utópicos* de João Martins Pereira.

Tudo o resto decorre daqui.

5. Apenas mais três esclarecimentos:

a) Em relação à velha citação sobre uma viagem à URSS, que tanto tem preocupado João Martins Pereira, convém colocá-la no seu devido contexto. Ela foi-me solicitada no chamado Verão quente de 75 em que, apesar da minha evidente e total discordância em relação à orientação do PCP (assinalada pelas críticas públicas à acção Pinto Leite e ao chamado «projecto Correia Jesuino»), me parecia *eticamente grave*, numa altura em que as sedes do PCP eram incendiadas, os militantes agredidos e a derrocada evidente, multiplicar os actos de ruptura. Por conseguinte, permaneci globalmente solidário com o PCP até à data em que me pareceu oportuno formalizar o afastamento (curiosamente, em 24 de Novembro de 1975). Como é evidente, a citada resposta à pergunta da jornalista é fundamentalmente *uma recusa de resposta*. Mas, preocupação por preocupação, e isto se poderá somar ao que digo na alínea c) da secção 4 deste texto, nunca deixei de me preocupar com a afirmação que ouvi a JMP no Centro Nacional de Cultura de que talvez tivesse sido melhor a Revolução portuguesa ter feito aqui o que o ayatollah *Kommeiny* havia feito noutras paragens... São as tais passagens *do três ao um*.

b) Embora esteja de acordo quanto à rejeição simultânea do campo americano e do campo soviético, creio, contudo, que devo tirar as consequências políticas desta afirmação muito simples: *preferia viver em Nova Iorque a viver em Moscovo*. A razão é simples: no mundo ocidental, é possível pressentir a dimensão do Outro; no espaço soviético, toda a sociedade se organiza no sentido de inibir, a qualquer nível, essa dimensão.

c) Quanto à psicanálise e ao discurso, penso que JMP se equivoca: numa relação analítica, nem tudo é discurso, porque há o *transfert* e o *contra-transfert*, isto é, *palavra feita acto*. Daí que esteja correcto dizer-se que Eduardo Lourenço não pretende «psicanalisar a sociedade portuguesa» a não ser por metáfora....■

Livro de Horas

Que fazem as crianças quando estão sós? Divertem-se, amassam pedrinhas e areia e com elas constroem pequenos castelos que em seguida destroem. Assim lhes não falta nunca entretenimento. O que as crianças fazem por desatino e infantilidade, não o saberias tu fazer por sabedoria e razão? Por todo o lado temos pedrinhas e areia. Aliás, temos tanto a construir em nós, tanto a destruir! Não nos lamentemos de estar sós!



Atira-se sobre a multidão um punhado de avelãs e de figos. As crianças batem-se para apanhá-los; os homens não lhes prestam atenção. Distribuem-se governos provinciais; aí vai para as crianças. Pretórios e consulados; aí vai para as crianças. Para mim são avelãs e figos. Se um me cai no colo peço-lhe e como-o. É tudo o que vale; mas não me baixarei para o apanhar e não empurrarei ninguém.



Aquele que se submete aos homens submeteu-se às coisas.

Que torna um tirano temível? Os seus guardas, os seus satélites armados de espadas e lanças. Mas quando uma criança se aproxima deles não os teme. Porquê? É que ela não conhece o perigo. E tu, não tens senão que conhecê-lo e desprezá-lo.



Sócrates amava os seus filhos, mas amava-os como homem livre e homem que não esquecia que é preciso amar os deuses acima de tudo. Eis porque nunca fez nem disse coisa alguma que fosse indigna de um homem de bem, nem quando se defendeu perante os seus juízes, nem quando se condenou a si próprio a uma multa, nem quando foi senador, nem quando foi à guerra. A nós, tudo é pretexto de baixaza e cobardia, um filho, uma mãe, um irmão. No entanto, não deveríamos tornarmo-nos infelizes por ninguém, mas, ao contrário, fazer contribuir todas as criaturas à nossa felicidade, e os deuses sobretudo, que nos criaram para que fossemos felizes.

Sofres de abandonar um tão belo lugar: gemes, choras. És, pois, mais infeliz que os corvos e que as gralhas, porque estes mudam de clima e passam os mares sem gemer e sem lamentar o que abandonaram. — Mas são animais desprovidos de razão. — Os deuses só te deram, pois, a razão para te tornar desgraçado? Pretendes que os homens sejam como árvores plantadas sobre as suas raízes e que nunca mudem de lugar? — Mas perco os meus amigos. — Eh! O mundo inteiro está cheio de amigos, porque o enchem os deuses, que são teus amigos e te protegem. E está cheio de homens a quem a natureza te uniu. Ulisses, que viajou tanto, não encontrou amigos? Hércules, que tanto correu mundo, não os encontrou?



O próprio da verdadeira felicidade é durar sempre, e não poder ser atravessado por qualquer obstáculo. Tudo o que não tem estas duas qualidades não é a verdadeira felicidade.

EPICTETO